



RALPH FOX

Portugal
now

EDIÇÃO INGLESA 1937

Prefácio de José Neves
Tradução de Rui Lopes
Ilustrações de António Paredes

L I S B O A :
TINTA-DA-CHINA
M M V I

© 2006, Edições tinta-da-china, Lda.
Rua João de Freitas Branco, 33, Loja 8
1500-627 Lisboa
Tels: 21 726 90 28/9 | Fax: 21 726 90 30
E-mail: tintadachina@netcabo.pt

Título: *Portugal Now*

Autor: Ralph Fox
Ilustrações: António Paredes
Tradução: Rui Lopes
Revisão: tinta-da-china
Capa: Vera Tavares
Composição: Olímpio Ferreira

1.ª edição portuguesa: Julho 2006
ISBN 972-8955-11-1
Depósito Legal n.º 000000/06

ÍNDICE

PREFÁCIO, por JOSÉ NEVES 7

CAPÍTULO I

Viagem europeia 15

CAPÍTULO II

Barco de emigrantes 25

CAPÍTULO III

Uma verdade pouco nua 37

CAPÍTULO IV

As armas e o aviador 47

CAPÍTULO V

Os exilados de Lisboa 61

CAPÍTULO VI

Um salvador da pátria 73

CAPÍTULO VII

Ditadura e civilização 91

CAPÍTULO VIII

Realidade e ilusão 105

PREFÁCIO

*Amanhã para os jovens, os poetas explodindo como bombas,
Os passeios à beira do lago, as semanas de perfeita comunhão;
Amanhã, as corridas de bicicletas
Pelos subúrbios nas noites de Verão. Mas hoje, a luta.*

W.H. AUDEN, *Espanha*, 1937

Now é a pátria de Ralph Fox, ou não fosse a *actualidade* o instrumento que deu tom à vida do jovem escritor. Talvez por isso o seu bilhete de identidade nos dê conta de um país sem terra e sem idade, um país que, em 1936, durante um breve período de tempo, teve o seu território em Lisboa.

Então, e por alguns dias, *Now* foi em Portugal. É o relato dessa experiência de ontem que nos chega hoje às mãos, oferecendo-se aos leitores de português uma inédita imagem de Lisboa e da ditadura, imagem que vem de

longe mas que não calou a sua urgência — é que, para além de ser uma longínqua crónica de viagem e de constituir um precioso documento histórico, *Portugal Now* é um grito de alarme que ecoou pelo século xx.

Aos 36 anos, Fox está a passar por Lisboa vindo de Paris e indo para Espanha. É aliás como viajante que o nosso autor surge em cena. Nascido em Halifax, estudante universitário em Oxford e depois em Paris, Fox percorre a Europa dos anos 20 a ponto de chegar até ao seu extremo oriente, a um lugar onde a Europa já não era Europa e de onde provinham notícias entusiásticas acerca de um projecto político que nascia sem terra e sem idade que lhe marcassem a designação: a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Efectivamente, o nosso autor foi um jovem militante interveniente na fundação do Partido Comunista da Grã-Bretanha, colaborador da Internacional Comunista e biógrafo de Lenine (e ainda autor de vários romances).

Hoje, Fox jaz membro de um clube restrito de militantes comunistas: aqueles que simbolizam a revolução enquanto aventura. Eles são militantes como muitos outros e comunistas como muitos outros. Contudo, o tipo de militante de que vos falo quer-se diferente

porque misticamente envolvido numa aura própria. Militantes como Fox são homens-fatais, livres dos constrangimentos burocráticos do quotidiano moderno — sem família, sem rotina e sem estado que os amarre —, figuras irremediavelmente comprometidas com a deriva da militância porque incapazes de deixar o corpo sob reserva. Disponíveis para se empenhar jornada após jornada, alguns destes homens acabariam por ser seleccionados após a sua morte para uma galeria de heróis, passando a pertencer ao *Clube de Combate*, uma célula mundial da militância comunista que a história e a memória criaram.

Neste *Clube de Combate* ninguém deixava para amanhã as lutas que se podiam travar já hoje. Sem respeito para com os mecanismos da História com maiúscula, os homens do *Clube de Combate* estiveram sempre prontos a apostar o seu voluntarismo em projectos insurgentes. Eram homens que não sabiam adiar e para quem os «amanhãs que cantam» — ainda se, por vezes, eles mesmo os cantassem... — significavam resignação, transigência e conformismo. Ao seu romantismo tocava-lhes Dom Quixote e ao seu comunismo tocava-lhes Sancho Pança. A revolução, essa, tocava-lhes como um híbrido: eram

idealistas mas eram materialisticamente idealistas; mais do que acreditarem na defesa da *liberdade*, apostavam no desejo da *libertação*.

Ralph Fox ganhou direito a entrar para este *Clube de Combate* ainda nos anos 30, quando a «nova Europa» dos fascismos emergia e todas as batalhas pareciam convergir na Guerra Civil de Espanha. O lugar de Fox no clube não é da maior relevância e, apesar de o seu percurso ser tão trágico quanto possível, a sua figura não retém um por cento da fama de um homem-mito como Che Guevara, o protótipo do militante revolucionário comunista e romântico. O que mais interessa neste *Clube de Combate* não é, todavia, aferir um *ranking* para os seus *performers*. E também não é assim tão decisivo descobrir se Fox e se Guevara foram muito mais *vis* ou muito menos *puros* do que a imagem do revolucionário romântico faz crer. O que, sim, gostava de sublinhar é a vontade generalizada em se imaginar um tal clube de combate e em se idealizar homens extraordinários como aqueles. Uma tal vontade atravessou e atravessa esquerdas e direitas, comovendo poetas e desafiando historiadores, permeando iconografias mercantis e cristalizando *kits* partidários. Em Portugal todos pudemos recentemente observar como alguém

avesso a figuras de estilo menos racionais — caso de Álvaro Cunhal — foi envolvido num tal processo de mitificação por todos os que o discursaram no momento da sua morte.

Não tenho dúvidas de que Fox fez por merecer o seu lugar no *Clube de Combate*. A sinistra prova dos nove que uma certa cultura do sacrifício faz questão de exigir aí está: em Dezembro de 1936, Ralph Fox morre nos campos de Espanha, perto de Córdova, integrando a XIV Brigada Internacional. Ainda jovem e com um futuro auspicioso, ele cai às mãos do inimigo, e esta morte na juventude deixa-o à porta do *Clube de Combate*. Mas tal não lhe garante, por si só, a *honra* do militante. Morrer na guerra em plena juventude não é motivo suficiente para distinção. Afinal, foi assim que a memória de tantos homens ficou soterrada no anonimato dos monumentos aos soldados desconhecidos — por obra e graça de duas guerras mundiais, «morrer pela nação» foi uma questão de *massas*, sempre empurradas para a linha da frente pelo serviço militar obrigatório.

Ora, Fox não morreu pela nação, empurrado para a frente do campo de batalha, mas sim saboreando o seu serviço militante voluntário muitos quilómetros a sul da

«sua» Inglaterra ou da sua URSS. E, se morreu em Espanha, acrescente-se de imediato que não morreu por Espanha. Fox morreu em Espanha contra o fascismo. O seu corpo foi uma entre muitas partes (cerca de cem mil internacionalistas vindos de todo o mundo) que demonstraram as possibilidades de um movimento antifascista sem terra e sem idade. Toda esta imensidão de gente teria por certo direito a um lugar no *Clube de Combate* mas, porque de uma imensidão se trata, ela não se adequa ao elitismo do *clube* — um *clube* de *cromos*, mesmo se um clube de cromos comunistas e antifascistas, é sempre uma aristocracia e a sua esfera privada. Esta imensidão de gente tem, sim, lugar adequado nas memórias de outras gentes, os homens e as mulheres comuns que, das aldeias bascas até à raia andaluza, saúdam hoje, 70 anos depois, os seus antigos camaradas de armas.

Por cá não sei se alguém se recorda de Ralph Fox. É provável que não porque a sua passagem foi muito fugaz e semiclandestina. Foi pela Guerra Civil de Espanha que Fox veio até Portugal e o seu intuito preciso era investigar a retaguarda de Franco em Lisboa, sondando os caminhos do tráfico das armas e as vias de apoio do governo português aos fascistas espanhóis. Natural-

mente, as páginas que se seguem dão conta das investigações do autor, e pelo caminho esboçam um retrato da realidade social e política do país. O olhar de Fox é o olhar afiado de quem se sente em território do inimigo. A sua leitura classista do mundo e da vida está presente em muitas páginas do livro e reflecte-se na sua esperança em encontrar pequenos episódios que lhe revelem uma sociedade em conflito, alguma corrente de ar que lhe permita respirar um pouco mais à fresca sob o ambiente de estufa da ditadura. Esta esperança, ainda assim, não impede que Fox dê expressão a estafadíssimos lugares-comuns sobre a moleza dos povos do sul e a inércia dos portugueses, nada que setenta anos depois não esteja na ordem do dia entre a opinião publicada em Portugal (o outro tópico que persiste é a figura desejada de um «Dante das Finanças»).

Mas nem tudo é triste e nem tudo é fado. Se Fox regressasse hoje para tomar o uísque com soda que Sally lhe vai servir ao balcão do Hotel Vitória, na Avenida da Liberdade, não seriam franquistas nem nazis que ele agora encontraria a seu lado, mas sim os comunistas portugueses que fizeram daquele edifício, após o 25 de Abril, a sua sede regional.

Antes de descer a Avenida da Liberdade é porém necessário embarcarmos para uma viagem em alto-mar, a bordo de um barco de emigrantes cheio de mundo e de vida... a ponto de os mortos pagarem a dobrar...

JOSÉ NEVES
JUNHO DE 2006

CAPÍTULO I
VIAGEM EUROPEIA



SEMPRE que pretendia evitar grandes explicações sobre a minha sede de informação, eu costumava dizer que estava a escrever um livro sobre «A Nova Europa». É claro que ninguém escreveu tal livro, nem creio que o venha a escrever, mas a conversa soava bem aos secretários das embaixadas e aos funcionários do governo, pois hão-de reparar que eles têm o hábito de se considerar a si próprios como a verdadeira força por trás da nova Europa.

Parece hoje muito estranho pensar que a Europa já foi um sítio simpático, sossegado e arrumado, onde os ricos nunca tinham de se preocupar com os pobres, pois tinham a polícia e os caciques a tratar desses assuntos por si; um sítio onde os pobres tinham, na maior parte das vezes, trabalho; onde os camponeses tinham a certeza de que venderiam as suas colheitas, mesmo que por uma pequena quantia; e onde os poetas e quejandos podiam passar o tempo a meditar acerca do amor e do Dr. Freud.

Essa Europa tinha tradições; tradições culturais, tradições políticas, tradições comerciais, e até tradições militares. Já não me consigo lembrar disso com clareza, mas antes do grande colapso existia uma coisa chamada civilização, da qual por vezes víamos sinais, mesmo em tempo de guerra. Por exemplo: apesar de matarmos frequentemente prisioneiros e feridos no calor da batalha, havia sempre uma grande cortesia para com os oficiais capturados; e a verdade é que o Kaiser pediu aos seus aviadores para não acertarem no Palácio de Buckingham quando largassem as bombas sobre Londres.

Se alguém escreveu um livro sobre a Europa desses dias, não sei. Poderia pelo menos tê-lo feito. Verhaeren dedicou-lhe poemas e Romain Rolland um romance. Tentem fazê-lo hoje: vejam se conseguem perceber a Alemanha ou a Itália, ou o rei Karol e a sua Lupescu, ou a França com os floricultores e vinicultores arruinados, enquanto De La Roque passeia com uma caveira na manga da camisa, e todas as pessoas que são mortas, torturadas ou presas, ou que pura e simplesmente morrem de fome ou de doença todos os anos.

Nada disso nos deve preocupar, claro. Era pior na altura da guerra dos Trinta Anos ou dos Cem Anos, ou

mesmo na Idade das Trevas — que afinal parece que não foi assim tão tenebrosa, apenas uma espécie de sono crepuscular que logo viu nascer uma série de coisas muito importantes. Não se consegue remar contra a história; mesmo os contemporâneos da rainha Elisabeth eram muito mais pessimistas acerca da vida, da sociedade e do futuro do que nós.

Antes da Guerra, quando se pensava na Europa, pensava-se em Paris como a sua capital. Fora da Alemanha, inúmeras pessoas acreditavam que a batalha do Marne tinha salvado algo muito mais valioso do que as rendas francesas ou as acções inglesas. Em primeiro lugar, Paris é a única grande cidade do mundo realmente bela, de dia ou de noite, em qualquer estação do ano. Lembre-se também a enorme quantidade de pensamento humano que Paris produziu, não apenas à escala da França, mas à escala europeia ou mesmo mundial.

Há uma estreita relação entre as duas coisas: a beleza da cidade e a obra dos eruditos, dos filósofos, dos cientistas, escritores, actores e atrizes que passaram os seus melhores anos naquela que é a rainha de todas as cidades. De facto, se quisermos imaginar uma Europa antes da guerra, essa será uma Europa quase exclusivamente

talhada pelas ideias e pelos actos de homens e mulheres que foram influenciados, de uma ou de outra forma, pela França ou pela sua história. Sim, até mesmo a história de Paris constitui uma parte do conjunto da história dessa Europa sobre a qual ninguém escreveu um livro. A Grande Revolução, Napoleão, 1848, a Comuna, o caso Dreyfus, as batalhas em que tantos milhares de homens e mulheres sacrificaram apaixonadamente as suas vidas: este foi o solo onde as ideias, o pensamento e a imaginação do ser humano criaram raízes e foram fertilizados.

Na história dessa Europa anterior à guerra, Paris é incontornável. Wordsworth, Mary Wollstonecraft, Heine, Marx, Van Gogh, Turgeniev, Lenine: todos tiveram de ir a Paris. O Marne salvou a cidade em 1914, e mesmo os Gothas e a Big Bertha não deixaram cicatrizes. Mas a batalha do Marne, ao que parece, não salvou a Europa, e agora temos de falar de uma «nova Europa». Nessa nova Europa, Paris está condenada à destruição. Os senhores da nova Europa decidiram que o passado é demasiado desconfortável, e acreditam que se destruírem Paris irão ver-se livres de uma grande parte desse passado. E agora, de vez em quando, os parisienses, bastante assustados pela ameaça, apagam todas as belas luzes da

sua cidade, escondem-na de todos os olhares, fazem soar sirenes, preparam defesas antiaéreas e correm pelas avenidas escuras em ambulâncias e carros de bombeiros, ensaiando a defesa contra uma destruição que chegará pelo ar.

Quando cheguei a Paris, a caminho de Lisboa, a cidade, a mais alegre capital do mundo, preparava-se para a primeira de uma nova série de cenas da vida nocturna. Este exercício de treino para os bombardeamentos foi precedido por um ensaio geral numa pequena localidade perto de Lyon. Na véspera da minha chegada, um membro da Cruz de Fogo, inspirado pelo editor do jornal fascista local e por uma paixão fascista por explosões, tinha atirado uma bomba para um baile da Juventude Socialista e Comunista que decorria ao ar livre.

Um lojista, ex-militar, agarrou a bomba e arremessou-a por cima do muro. A bomba explodiu com uma potência impressionante e pegou fogo a um armazém. Um rapaz saltou por cima do muro para perseguir o bombista, conseguindo alcançá-lo e detê-lo, com o que logrou ser mortalmente alvejado a sangue-frio. Este episódio fazia parte da nova Europa, tal como os exercícios de defesa antiaérea. Estarei errado ao chamar-lhe ensaio geral?

Num grande encontro em Paris, vi o lojista ex-militar que, com a sua coragem e presença de espírito, salvou tantas vidas jovens. Muito bem vestido, um homem pequeno e nervoso, mal conseguia falar. Receberam-no com uma saudação ruidosa, calorosa e emotiva, o que o fez ficar ainda mais nervoso. Uma jovem professora, organizadora da Juventude Comunista e do baile fatal daquela pequena localidade, magra, com uma expressão severa e triste, narrou o que tinha acontecido. Com um discurso cheio de energia e coragem, falou durante muito tempo sobre o sacrifício das mulheres, usando como exemplo a mãe do rapaz assassinado. Fazia-nos sentir que era ela a mãe, que ele era o seu filho, e que o novo mundo de amor e camaradagem que ela exigia era um mundo que protegeria os filhos das outras mulheres do ultraje e da morte de que o seu filho fora vítima.

Ao sair da sala, reparei que praticamente não havia polícias. Pouco mais de um ano antes, eu tinha participado num congresso com escritores de todo o mundo nesta mesma sala. Foi no tempo em que o primeiro-ministro era Pierre Laval, amigo de Mussolini e simpatizante da Cruz de Fogo. Laval tinha mandado cercar a sala pela polícia, por detectives e reservistas armados da

Garde Mobile, não fosse a influência subversiva de homens como Aldous Huxley, Feuchtwangler, Heinrich Mann, Julien Benda ou E.M. Forster incendiar Paris com uma revolta. Ou será que se tratava de uma reacção psicológica primária, tão vulgar entre os governantes da nova Europa (incluindo os do nosso próprio país), semelhante à que os nazis alemães experimentavam ao ouvir a palavra «cultura»? Têm *mesmo* de puxar da pistola quando ouvem esse som terrível? De qualquer forma, o contraste é patente, para que possam retirar as vossas próprias conclusões.

Permaneci uma semana nesta Paris, à espera de um barco para Lisboa, onde esperava conseguir ver a nova Santa Aliança da Europa a funcionar. Ao longo deste tempo, tentei encontrar possíveis contactos que lá me pudessem ajudar na minha tarefa, mas não havia ninguém. Um diplomata que eu conhecia tinha partido há pouco tempo, tal como dois homens que conheciam bem a costa e os barcos. Só poderia contar comigo para tentar descobrir se os carregamentos de armas continuavam a ocorrer. Ora, isto não era lá muito bom para alguém cujas opiniões políticas eram tão conhecidas como as minhas, que tinha enormes carimbos russos estampados no

passaporte, e sem nada que me recomendasse aos governantes do «Novo Portugal». Um jornal inglês que eu lera em Paris trazia um artigo sobre a polícia secreta de Portugal, elogiando-a e classificando-a como a melhor da Europa. Bem, eu iria ter a oportunidade de ver se assim era. Em todo o caso, a polícia secreta merece um capítulo importante em qualquer livro que se escreva sobre «A Nova Europa».

ADENDA a este livro: esqueci-me completamente de informar o leitor de que a república democrática, nos primeiros anos da sua difícil existência, de 1911 a 1914, também equilibrou o orçamento e conseguiu um saldo positivo, apesar da herança deixada pela monarquia. Estranhamente, o relatório consular britânico também se esquece de o referir. Isso aconteceu nos tempos da velha Europa.



Portugal *now*

DE RALPH FOX [1936],
COM TRADUÇÃO DE RUI
LOPES, ILUSTRAÇÕES DE
ANTÓNIO PAREDES E UM
PREFÁCIO DE JOSÉ NEVES,
UMA EDIÇÃO
TINTA-DA-CHINA,
FOI COMPOSTO EM
CARACTERES HOEFLER TEXT
E IMPRESSO PELA GUIDE —
ARTES GRÁFICAS, SOBRE
PAPEL SARVOL DE
80 GRAMAS, NUMA
TIRAGEM DE 2000
EXEMPLARES,
DURANTE O MÊS
DE JULHO DE 2006

